

AQUELA SAUDADE DO INFINITO

Caro Director,

existe uma frase de Dostoievsky que me acompanha nestes tempos, tendo de falar do cristianismo para as mais diversas pessoas em Itália e no exterior: “Um homem culto de nossos dias pode crer, crer realmente, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?”. Esta pergunta soa como um desafio para cada um de nós. É precisamente da resposta a ela que depende a possibilidade de sucesso da fé hoje. Num discurso de 1996, o então cardeal Ratzinger respondeu que a fé pode esperar isso “porque ela corresponde à natureza do homem. No homem vive indelével o anseio do infinito”. E com isso indicava também a condição necessária: que o cristianismo tem necessidade de encontrar o *homem* que vibra em cada um de nós para mostrar todo o alcance da sua pretensão.

Mesmo assim, em quantas ocasiões somos tentados a olhar para a humanidade concreta que temos – por exemplo, a dificuldade, a insatisfação, a tristeza, o tédio – como um obstáculo, uma complicação, um empecilho para a realização daquilo que desejamos. E assim ficamos com raiva de nós mesmos e da realidade, sucumbindo sob o peso das circunstâncias, na ilusão de ir avante cortando alguns pedaços de nós. Mas dificuldade, insatisfação, tristeza, tédio não são sintomas de uma doença sobre a qual intervir com remédios, como acontece cada vez mais numa sociedade que confunde a inquietação do coração com o pânico e com a ansiedade. São mais sinais de qual seja a natureza do eu. O nosso desejo é maior do que todo o universo. A percepção do vazio em nós e ao nosso redor, do qual fala Leopardi (“falta e vazio”), e o tédio, do qual fala Heidegger, são a prova da inexorabilidade do nosso coração, do carácter desmedido do nosso desejo – nada é capaz de nos dar satisfação e paz -; podemos esquecer, trair, enganar, mas não podemos tirar isso de nós.

Por isso o verdadeiro obstáculo ao caminho não é a nossa concreta humanidade, mas o descuido dela. Tudo em nós grita a exigência de algo que preencha o vazio. Até Nietzsche intuía isso, tanto que não pôde evitar dirigir-se ao “deus desconhecido” que faz todas as coisas: “Elevo, só, minhas mãos (...) ‘Ao Deus desconhecido’ (...) Eu quero Te conhecer, desconhecido. Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida. Tu, o incompreensível, mas meu semelhante” (1864).

O Natal é o anúncio de que esse desconhecido Mistério se tornou uma presença familiar, sem a qual nenhum de nós poderia permanecer homem por muito tempo, findaria arrastado pela confusão, vendo decompor-se o próprio rosto, porque “somente o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino” (D. Giussani).

O sinal mais persuasivo de que Cristo é Deus, o milagre maior com o qual todos ficavam tocados - mais ainda do que as pernas endireitadas e a cura da cegueira – era um olhar sem comparações. O sinal de que Cristo não é uma teoria ou um conjunto de regras é aquele olhar, do qual o Evangelho está repleto: o Seu modo de tratar o humano, de se relacionar com aqueles que encontrava pelo caminho. Pensemos em Zaqueu e em Madalena: não lhes pediu para mudar, abraçou-os assim como eram, na sua humanidade ferida, ensanguentada, necessitada de tudo. E a vida deles, abraçada, despertava naquele instante em toda a sua profundidade original.

Quem não desejaria ser alcançado por um semelhante olhar agora? Na realidade “não é possível permanecer no amor a si próprio sem que Cristo seja uma presença como é uma presença uma mãe para o filho. Sem que Cristo seja presença agora – agora! –, eu não me posso amar a mim agora e não te posso amar a ti agora” (D. Giussani). Seria a única forma para responder como homens do nosso tempo, razoável e criticamente, à pergunta de Dostoievsky.

Mas como sabemos que Cristo está vivo agora? Porque o Seu olhar não é um acontecimento do passado. Continua tal e qual no mundo: desde o dia da Sua ressurreição a Igreja existe só para tornar experiência a afeição de Deus, por meio de pessoas que são o Seu corpo misterioso, testemunhas hoje da história daquele olhar capaz de abraçar todo o humano.

Obrigado.